

RECEITAS SEM FERMENTO

[ana elisa ribeiro]*

Certa vez, uma aluna bem pequena se aproximou de mim, com ar muito grave, e perguntou: “Professora, este mês você vai receitar algum livro?”. Logo vi que a enfermidade de que ela sutilmente falava não estava bem nela, que era só uma menina pequena, bem pequena. Poderia se formar leitora um dia, ainda era tempo. A doença que se insinuava pela percepção da aluna era da escola, que insistia em injetar livros inconvenientes onde não era fácil achar veias. Ou mesmo que tratava livros, leitura, leitores e literatura como são tratadas as pílulas amargas do escaninho secreto dos postos de saúde.

Essa aluna me deu uma lição naquele dia, ao fazer a pergunta, com os cotovelos fincados sobre a mesa de fórmica. O olhar que ela me dirigiu era franco. A lição que ela me deu desconsertou todas as aulas daquela manhã.

Enquanto a escola fazia listas de livros para que a biblioteca os adquirisse, lembro-me da bibliotecária aos berros porque os alunos haviam tirado as obras das prateleiras durante o recreio. Em vez de correr nas quadras ou de lanchar na cantina, vários dos meninos e meninas preferiram explorar as estantes de aço e ler capítulos esparsos de livros de aventura. Em vez de ver nisso uma solução, a bibliotecária registrava reclamação porque os livros estavam *fora de ordem*.

O laboratório de microcomputadores ficava em um espaço contíguo ao da biblioteca. O professor de informática reclamava do cheiro de pó das estantes, espirrava provocações na bibliotecária, que, por sua vez, se irritava com o som das caixinhas, a música de videogame, o arrastar das cadeiras de meninos e meninas conectados.

Abrir uma conta de e-mail e aprender a se corresponder pela Internet; entrar em chats e bater papos com crianças de outros estados; refletir sobre ciências em um fórum aberto; enviar arquivos de Word por correio eletrônico. Essas eram conquistas comemoráveis para muitas crianças, a maioria delas sem computador em casa.

Além da conquista de ter um e-mail e de conversar pela tela do computador, ainda aprendiam a digitar com agilidade, estranhavam palavras e frases sublinhadas pelo editor de textos, pesquisavam imagens na Internet, alteravam fontes, corpos, tipos, cores e espessuras, como se brincassem de fazer revistas, jornais ou trabalhos mais bonitos. E estavam felizes. Eles não queriam apenas os teclados. Nem só as brochuras de papel velho. Eles sabiam, sem receitas, que queriam tudo.

Certa vez, a professora disse que eles estavam vivendo experiências que seus avós e pais não haviam tido. E ainda comentou que tudo aquilo (digitar, enviar e-mails, conversar em chats) era experiência no domínio da linguagem, mais especificamente, da linguagem escrita.

Não era apenas conversar, era bater papo digitando tudo. Não era apenas abreviar, era experimentar o limite das palavras: mais do que isso, é desperdício; menos do que isso, é incompreensão. Era assim que eles agiam, sem nem saber que aquilo era português, redação, a gramática vista por cima, no uso, não por dentro, como se fosse osso apenas.

O poeta Arnaldo Antunes diz que “tartaruga por dentro é parede”. Por fora: era assim que eles iam e vinham pelas bordas da linguagem, quando ela mesma experimentava novos jeitos de ser, novos meios onde funcionar, novos modelos de inscrição, novas formas de acontecer. E aqueles meninos começaram a se sentir pilotando um avião feito de possibilidades. As tartarugas são mais bonitas por fora, especialmente se vistas de cima, com sua capa de mosaico e seu movimento lento.

A garotinha que perguntou sobre as receitas de livros cresceu. Terminou o ensino fundamental e está quase concluindo o ensino médio. Hoje, há um computador na sala de sua casa, de onde ela se comunica com o namorado. Não sei se ela se tornou leitora de livros. Não me lembro o que respondi à pergunta que me fez. Tenho certeza de que ela enxerga muito mais possibilidades do que podia naquela época. E se sabe disso, também sabe que minhas receitas já não são feitas só de papel. São feitas de endereços virtuais e de tecnologias eletrônicas também. Isso é muito positivo, embora eu ainda tenha que admitir, intimamente, que a escola continua adoentada.

[ana elisa ribeiro] é professora do CEFET MG e desenvolve tese de doutorado sobre leitura em ambientes impressos e digitais. Com Carla Viana Coscarelli, publicou *Letramento digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*.